

CORTÁZAR E A MODERNIDADE

(Parte I) ¹

Alexandre Moraes
(Letras-UFES)

Ser uma hidra é fácil, matá-la não, porque para matar a hidra deve-se cortar-lhe as numerosas cabeças (...), é preciso deixar-lhe pelo menos uma, posto que a hidra é o próprio Lucas e o que ele gostaria é de sair da hidra mas ficar em Lucas, passar do poli ao unicéfalo. ²

Em um dos mais intrigantes e bem-humorados de seus livros — UM TAL LUCAS — Cortázar tenta mostrar a polimorfia das estruturas de um personagem³, quer dizer, discute indiretamente (ou seria mesmo diretamente?), um dos maiores problemas da modernidade: a constituição da subjetividade. Livro de difícil classificação: certamente não se trata de contos, melhor utilizarmos o termo relatos. Uma colagem de temas, várias "cabeças", uma multiplicidade de direções textuais e uma infinidade de sentidos para a subjetividade moderna a partir deste conturbado século XX.

Cortázar atira invariavelmente contra os sentidos da subjetividade moderna (romântica, sobretudo) de um modo direto. A luta de Lucas contra a hidra — um animal mítico com muitas cabeças que se reproduzem *ad infinitum* ao serem cortadas — é certamente a luta entre matrizes de subjetividade, entre direções de subjetividade que se constituem e se esvaziam dentro do espaço de uma época. O que Lucas queria e de que gostaria é uma espécie de subjetividade dominante, formas de subjetividade que Hegel imaginou descobrir como princípio do mundo moderno: aquela que estabeleceria a superioridade deste mundo moderno que se delineava já seguramente, estando ligada a um eu absoluto que expande seus domínios para além de suas fronteiras e detém, efetivamente, os controles. Lucas sonha com o unicéfalo justamente porque orienta seu desejo no sentido de um domínio: o eu absoluto. Dominar e constituir um eu absoluto é fundamentalmente dominar o mundo, racionalizá-lo de forma a estabelecer um poder do desejo sobre este mundo e sobre um conjunto determinado de configurações de subjetividade, o indivíduo. Este também o sonho moderno que Hegel tentou descobrir quando entendia que

(...) a expressão subjetividade implica sobretudo quatro conotações: a) individualismo: no mundo moderno a pecu-

-
- 1 Este é o primeiro de uma série de quatro artigos preparados sobre este tema que pretendo publicar nesta revista. Estes artigos refletem um trabalho de pesquisa desenvolvido no DLL-UFES, durante o ano de 1993.
 - 2 CORTAZAR, Julio. **Um tal Lucas**. Trad. Remy Gorga Filho, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19.
 - 3 Entendemos por personagem um feixe de sentidos que emolduram um eu textual. Tais sentidos apontam indiretamente, em Cortázar, o sentido de busca que se imprime em sua literatura como elemento recorrente Cf. ARRIGUCCI JR., D. **O escorpião enalacrado**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

liaridade infinitamente particular pode fazer valer as suas pretensões; b) direito à crítica: o princípio do mundo moderno exige que o que deve ser reconhecido por cada um se lhe apresente como algo legítimo; c) autonomia do agir: é característico dos tempos modernos o fato de nos quisermos responsabilizar pelo que fazemos; d) por fim a própria filosofia idealista: Hegel considera ser tarefa dos tempos modernos que a filosofia apreenda a idéia que sabe de si própria.⁴

Habermas nos diz que "para Hegel os tempos modernos são caracterizados de uma forma geral por uma estrutura de auto-relação a que ele chama de subjetividade". Tanto Descartes quanto Kant, Hegel ou Marx pensaram que o mundo moderno tinha como centro e característica fundamental a estrutura de uma subjetividade circulante que caracterizaria, em Descartes, o sujeito enquanto produto de sua existência ou aquilo que Nietzsche, em sua dura crítica à modernidade, nos fala como sendo "aristocratismo: Descartes, reino da razão, testemunho da soberania da vontade"⁵. Em Kant, enquanto produto da razão onde não haveria conflito de partições e, em Hegel, enquanto produto geral de uma subjetividade que demarcaria as linhas gerais dos tempos modernos e sua vontade absoluta de subjetividade. Em outras palavras, até o século XIX acreditou-se que o mundo moderno coincide com uma crítica do passado e com sua ruptura efetiva na forma mesmo em que se luta por uma racionalização que não agrida o espírito do presente, fundando com este presente um futuro que começa no instante moderno: a modernidade estaria assim autocentrada e criaria a partir de si elementos que a distinguem e a distanciam do passado.

A subjetividade definiria todos os campos de saber e de sentido: arte, crítica de arte, legislação, história, filosofia, estética, etc. e também (ou sobretudo) o indivíduo e o sujeito. A crítica da modernidade que até o século XIX se faz, entende a modernidade como duração histórica que se separa das outras durações porque cria um sujeito e seu tempo⁶. Esta separação cria a possibilidade de resistência à crise que Hegel, por exemplo, vê no mundo moderno mas que Nietzsche entenderia como "decadência do mundo moderno". A subjetividade, portanto, era entendida como aquilo que o mundo moderno possuía de mais verdadeiro em-si e para-si; é o momento em que o moderno se torna absoluto ao vincular a si uma forma absoluta de subjetividade.

Hegel entende a subjetividade como uma elaboração e uma fundação. A problemática da fundamentação e constituição de um eu é um produto moderno por excelência. É na modernidade que o eu ganha um sentido de individualismo e de libertação. Falar e comentar

4 HABERMAS, Jürgen. **Pensamento filosófico da modernidade**. Trad. Ana Maria Bernardo et alii. Lisboa: Dom Quixote, 1990, pp. 27 e sg.

5 NIETZSCHE, F. Para uma crítica da modernidade. In: **Vontade de Potência**. Trad. Mario D.F./Santos. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

6 Certamente Nietzsche destoa um pouco da maioria das críticas à modernidade feitas até o século XIX pois não vê nesta modernidade que se configura uma saída gloriosa para o homem, aliás, ironiza e detecta seus problemas.

um eu único, absoluto e racional, cuja própria extensão é a extensão de seu domínio e de sua razão, é característica essencial do mundo moderno que se delineia já a partir de finais do século XVII. O eu conferiria legitimidade a uma razão que buscava fundamentar um mundo novo a partir de si mesma.

Pense-se no famoso aforismo de Descartes: "penso logo existo". Quando pensar equivale a existir, o que está sendo afirmado não é simplesmente o pensamento nem a existência, mas o eu que está por detrás desta fundação. Pensar passa a ser razão e, razão, torna-se efetivamente a fundação de um eu. A relação entre pensar/existência é a relação que funda o eu moderno. O eu é produto da razão e a existência só se faz sentir no momento em que a razão permeia esta existência. Existir passa a ser produto da razão e o eu é fruto da relação pensar-existir, desaparecendo, portanto, distante de uma razão que tenta recobrir o mundo. O indivíduo, como fundamento do mundo moderno, é a entidade que vai dar a este mundo a substância essencial para que este mundo decole e se desenvolva. O indivíduo vai legitimar o individualismo, como forma e manutenção do poder e seu lastreamento micropolítico: a partir da modernidade o estado vai criar cada vez mais um indivíduo que se lhe apresente como apropriado e como fundamento íntimo e último de seu desenvolvimento, quer dizer, o estado vai fundamentar-se tendo em sua base um indivíduo arduamente buscado que se aproxime do ideal de manutenção e apropriação deste estado em gestação na modernidade. Indivíduo e individualismo surgem como legitimadores não apenas de uma nova formação social e novos desenvolvimentos no campo da produção dos sentidos, mas sobretudo como novas formas de manutenção do campo de forças moderno que se organiza. O individualismo que está na base do moderno cria, no romantismo sobretudo, o sentimento de auto-legitimação de um eu característico da literatura oitocentista e, por extensão, de suas formas de inserção social que se transformaria na forma mais cristalizada de um eu absoluto. Acreditar que é legítimo aquilo que o indivíduo entende (individualismo) como legítima é a fundamentação que se concretiza de um eu privado distanciado das coletividades tão presentes até fins da idade média.⁷ A problemática do íntimo surge neste momento em que se forma o mundo moderno. Moderno é um indivíduo que se sente dono legítimo de um eu delimitado e definido, concretizado e que não se confunde com uma coletividade de subjetividade. O indivíduo moderno sente-se concretizado, definitivo e efetivo na sua possibilidade de legitimação daquilo que ele é e o que acredita pensar e sentir. Moderno é, ainda, o indivíduo que sente e esse sentir é entendido como distanciamento do mundo coletivo. O mundo coletivo moderno terá que submeter-se e adaptar-se a esse sentir individual e ao processo de transformação que esta virada de mundo coloca na formação dos elementos da realidade. Lembremos que esse sentir é uma virtualidade. Legitimar esse sentir individual é legitimar um indivíduo; aquilo que o moderno (o romântico, na sua forma mais radical) vai logo enxergar é que o mundo se transformou para colonizar o seu sentir. Aquilo que pensava ser a criação de um sujeito em liberdade que age no mundo é, ainda no romantismo, percebido como um indivíduo que sente/pensa dentro do espaço reservado e constituído para esse indivíduo. Como se sabe, o indivíduo moderno irá competir cada vez mais com máquinas e contextualizações tecnológicas que inviabilizam tantas vezes a sobrevivência deste tipo de configuração de subjetividades criando um outro, o indivíduo problemático.⁸

7 ARIÈS, Philippe. **História da vida privada**, V. I. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

8 Lembremos que: "o mundo do sentido tem por estatuto o problemático: as singularidades se distribuem em um campo propriamente problemático e advêm neste campo com os quais não

A literatura do século XX não apenas percebeu tal fato como fez do fenômeno seu tema recorrente. Cortázar luta incessantemente com um indivíduo, buscando ver neste indivíduo um sujeito anterior, uma intensidade subjetiva que impulsiona aquilo que não seria o hábito. O hábito é o momento de cristalização de uma forma de indivíduo relacionado muito diretamente à equação moderna pensar/existir = eu absoluto. O hábito é uma espécie de "conceito" que dinamita a possibilidade de um fluxo maior do sujeito, isto é, no hábito a obrigação de significar. A língua, como Barthes afirmou certa vez, é fascista, "obriga a falar", e não se trata aqui apenas de estruturas, mas de gestos em relação ao real e sua fixação. Fixar o mundo como real pressupõe fixá-lo como conceito codificado, passível de decodificação e continuidade. A "metáfora"⁹ deve desaparecer sob o signo de um conceito e tal conceito ganha mobilidade para impulsionar códigos e sistemas de codificações, cria uma lógica da cultura através de elaborados sistemas de transmissão: esta a raiz do hábito.

Cortázar constrói uma obra em que o hábito ocupa lugar central exatamente porque tenta desvendar um sujeito atrás do hábito, da doxa¹⁰, esse conjunto de códigos, como diria Barthes; um sujeito atrás de um cotidiano bombardeado pelas formas de individualização e controle típicas da modernidade mas que geram substancialmente um sujeito problemático. Voltemos ainda ao movimento dilacerante do século XIX.

O romantismo seria a expressão máxima deste momento de intimização¹¹ da subjetividade no texto literário.¹² O romântico é sobretudo um tipo de indivíduo que sonha com uma "subjetividade" que o libertará do domínio público em que é elaborada a subjetividade¹³ e os conjuntos de modos de existência e de estilos de vida. Os românticos e suas formas de sublime e profano seriam a ruptura moderna e "natural" com uma subjetividade coletiva. A liberdade para o romântico é o corolário de um eu absoluto que reina sobre todas as coisas. A decepção e a revolta românticas, isto é, aquilo que o romântico não vê como individual, são os produtos diretos desse fenômeno. Romântico e literatura: um eu que se

está ligada nenhuma direção (...) O problemático é ao mesmo tempo uma categoria objetiva do conhecimento e um gênero de ser perfeitamente objetivo. 'Problemático' qualifica precisamente as objetividades ideais." Cf. DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 35.

9 Estamos nos referindo à afirmação de Nietzsche que nos dizia que a "verdade não passa de um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias (...)" Cf. NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 48 e sgs.

10 BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, Cultrix, 1986.

11 SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo, Cia das Letras, 1988. A expressão intimização determina uma forma de colocação de um eu que se estabelece sobre a extensão do mundo. O mundo moderno é sem dúvida o lugar de um eu que fala durante todo o tempo em detrimento de uma subjetividade que efetivamente se faz coletiva.

12 Nietzsche definiria o romantismo da seguinte maneira: "o romantismo é uma espécie de contragolpe no século dezoito, um desejo acumulado para sua exaltação em alto estilo - na realidade há nele muito de teatral e logro de si mesmo: queriam representar a natureza violenta, a grande paixão". Cf. NIETZSCHE, F. *op. cit.* (s/d), p. 102.

13 "A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, é assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares." GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. *Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 33

evola do mundo e das coletividades para voltar a este mesmo mundo e estabelecer o seu domínio. Dominação impossível que o próprio romântico veria ao tentar ausentar-se do mundo na morte. A morte é o lugar onde o domínio do eu seria "perfeito", sua extensão e efetividade. A náusea de Baudelaire frente a um mundo em degradação e sua contestação não representam mais que sua absoluta frustração diante de um eu que não se dá enquanto absoluto de uma liberdade em si. O sonho romântico é efetivamente aquele que visa a transformar o eu em domínio. O romantismo pensou realizar o sonho da arte moderna: "a arte moderna revela sua essência no romantismo; a forma e o conteúdo da arte romântica são determinados por uma interioridade absoluta".¹⁴

O individualismo, se por um lado libera o indivíduo do sentir/pensar coletivos, por outro, coloca-o dentro da camisa-de-força de uma modelação que destrói aquilo de coletivo que o sujeito tem em sua fundamentação: as intensidades que caracterizam o sujeito são colocadas à parte no processo de subjetivação moderno, isto é, pensou-se que constituir um indivíduo é garantir-lhe o direito próprio ao individualismo. Mais tarde, no século XX, a literatura tematizaria e veria claramente que este tipo de constituição estava ligado diretamente ao domínio de um tipo apropriado de subjetividade que dava suporte aos modos de existência propostos por sistemas de poder que visavam a atingir o desejo como espaço fundamental de domínio positivo do indivíduo. Moderno é o indivíduo que se acredita sempre particular, sua crítica é sempre legítima pois além de particular é legítima na medida exata em que parte de um eu diferenciado e concretizado. Freud não tardaria a mostrar o quanto o indivíduo é fragmentado e social em sua subjetividade. Mais que isso, moderno é um tipo característico de indivíduo que não tem consciência direta de que é vigiado; acredita na sua autonomia de ação e conjuga na ação a responsabilidade de um eu autônomo e legítimo. Em outras palavras, o indivíduo moderno acredita em si como um lugar de criação dos sentidos do próprio mundo e, por acreditar-se responsável (legítimo) no que pensa, sente e faz, acredita que está em liberdade. O que o romântico percebe imediatamente é que a modernidade não lhe trouxe liberdade enquanto um momento em que eu-ação-pensar-responsabilidade-legitimidade não estão associados na base do sujeito e sim a uma individualidade que passa a ser muito sofisticadamente controlada a partir desta subjetivação do particular, do eu e do indivíduo em sua particularidade cotidiana.

Não é sem razão que o cotidiano no mundo moderno vai ser alterado sobremaneira. Henri Lefebvre nos diz que o cotidiano moderno foi mudado tão radicalmente que não apenas criou-se uma nova forma de existência, mas criou-se sobretudo um indivíduo novo.¹⁵ Foucault mostra como o indivíduo seria vigiado e a punição ostensiva e exemplar do mundo feudal até a Reforma passa a ter o sentido de responsabilidade.¹⁶ O mundo ferrenho que se desenha na responsabilidade é o mundo do hábito e seus códigos: o indivíduo tem um novo repertório para sua movimentação, mas aquilo que Hegel queria significar quando afirmava que "o caminho da história é o caminho da libertação" se deu como responsabilidade, como cotidiano que se renova e muda seus eixos de sentido.

Pensar a razão a partir de mudanças dos eixos dentro da modernidade é pensar, sobretudo, a mudança de um sistema que controlava o indivíduo de "fora" para um sistema que passa a controlar o indivíduo de "dentro", isto é, a partir da constituição de um espaço privado.

14 HABERMAS, J. *Op. cit.* p. 28.

15 LEFEBVRE, Henri. *O Cotidiano e mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

16 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1984.

Os constrangimentos das coletividades medievais e mesmo dos albos da modernidade não mais dão conta dos controles necessários para manutenção de um determinado tipo de produção de sentidos. O indivíduo moderno com seu lastro de responsabilidade é aquele que é vigiado e punido com uma sofisticada tecnologia de poder, sendo controlado visivelmente a partir da constituição de seu desejo.

Voltemos a **Um tal Lucas**. A personagem Lucas possui um repertório imenso de elementos do mundo moderno (típicos do período moderno do século XX) que constituem a sua subjetividade: repertórios de individualidade (cristalizados em sua luta contra a Hidra sobretudo), repertórios psicológicos, repertórios de consumo, repertórios políticos, repertórios textuais, etc. Estes repertórios de Lucas são os repertórios do indivíduo moderno. Patriotismo, ecologia, consumo, texto, literatura, o mundo e seus sentidos dilacerantes: os hábitos. O que Lucas não esconde de si é a dificuldade de "voltar" a ser um eu definido e definitivo: "Difícil matar a Hidra e voltar a Lucas, ele o sente já na metade da cruenta batalha".¹⁷ A pergunta que surge é inevitável: de que batalha está se tratando? Qual o objetivo da batalha e suas conseqüências?

A Hidra é o mundo moderno naquilo em que tenta constituir um indivíduo a partir de seus hábitos e desejos, aquele com várias "cabeças" e um indivíduo que se constitui através de colagens de repertórios de subjetividade. O que nos interessa aqui é mostrar como uma impossibilidade muito visível e recorrente no texto literário moderno a consecução e discussão de um eu definido. Matar a Hidra não significa voltar a um Lucas definido, concretizado. Ao contrário, Lucas o sente como impossibilidade.

Um tal Lucas é, em sua estrutura e organização textuais, um livro de repertório,¹⁸ isto é, um daqueles livros em que vamos encontrar uma discussão nítida de alguns elementos listados diretamente do mundo moderno. Cortázar não esconde tal fato de maneira alguma. Antes, alinha os elementos em discussão como títulos de capítulos, vai desenhando pouco a pouco um personagem e seu feixe de sentidos, mostrando as impossibilidades a que está submetido. Lucas é o caminho da impossibilidade, sua ironia se dá na razão direta de suas impossibilidades. Não voltar a si é a crítica contundente que Cortázar faz ao eu com um "centro", "geometrizado", "esquadrinhado", "racionalizado".¹⁹ Oliveira, na **Rayuela**²⁰ (**Jogo da Amarelinha**) é a personagem cortazariana mais claramente definida dentro deste campo de sentidos que estamos tratando. Se Lucas sabia da "impossibilidade" de vencer a batalha contra o hábito moderno e a constituição de indivíduos que isso determina, Oliveira não conhecia totalmente o alvo de seu ataque, mas sabia profundamente que "algo não vai bem", que "a cultura ocidental" tinha levado invariavelmente àquilo que o próprio Cortázar chamou de "a grande burrada"²¹ da "civilização judaico-cristã". Oliveira buscava²² todo

17 Cortázar, J. **Op. cit** (1982) p. 12.

18 Flaubert construiu um famoso livro de repertório: **Bouvard e Pécuchet**. Toda a crítica de um indivíduo moderno estava ali contida, inclusive sob a forma de tópicos dicionarizados.

19 Hanna Arendt nos lembra que: "quando a geometria analítica de Descartes tratou o espaço e a dimensão, a *res extensa* da natureza e do mundo, de modo que suas relações, por mais complicadas que fossem, deviam sempre poder ser expressas por meio de fórmulas algébricas, a matemática conseguiu reduzir e traduzir tudo o que o homem não é sob a forma de configurações idênticas a estruturas mentais humanas". Cf. ARENDT, Hanna. *Vita activa e a era moderna*. In: **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1981. pp. 278-279.

20 Cortázar, J. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 1972.

21 Cortázar, J. e PREGO, O. **O fascínio das palavras**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991, pp. 106

o tempo a superação desta civilização moderna utilizando, contudo, o máximo dos elementos da modernidade. Lucas, posterior, talvez já apontando uma certa ironia e desilusão, um certo cinismo típico da literatura de finais da década de 70 e meados da de 80 deste século, mantém a luta como matriz de sua configuração de indivíduo. Se Oliveira, na **Rayuela**, não sabe o alvo direto para onde apontar, Lucas não apenas sabe como trava uma luta cujas consequências são a batalha pela delimitação de um *ontos* de indivíduo.

Cortázar encena efetivamente um indivíduo muito adaptado ao mundo moderno, mostrando, porém, suas fissuras, suas linhas de fuga, suas configurações de desejo, sua ironia rascante com um mundo que visa dominá-lo. O mundo moderno descrito por Cortázar é sobretudo o mundo do indivíduo que se auto-avalia para descobrir e fundar os alicerces deste mesmo mundo. Tanto Oliveira quanto Lucas buscam, como fundamento de sua luta e insatisfação, o mundo moderno como razão e base última para determinados tipos de repertório. A literatura de Cortázar parece acompanhar esta evolução: passa da luta com o inominável à luta com repertórios de configurações de subjetividade. Se a **Rayuela** pode representar a ruptura com o mundo moderno ainda em estado de discussão, **Um tal Lucas** é a discussão detalhada e muito clarificada de um conjunto definido de repertórios do mundo moderno. Tanto Oliveira quanto Lucas querem o rompimento com este mundo que em si já se caracteriza como um mundo de rupturas absolutas. Oliveira, mais do que Lucas, trava contato com a experiência da descontinuidade que, em última instância, é como a ruptura típica do mundo moderno se dá na América Latina. Oliveira é descontínuo porque não apenas luta contra um tipo determinado de civilização, mas porque ainda não possui um lugar: entre Paris e Buenos Aires, onde está Oliveira? Os lugares de Oliveira são distintos dos de Lucas. Para Lucas, o que está em jogo é um repertório moderno. A pátria, por exemplo, para Lucas não representa mais que um conjunto de hábitos. Vemos a ironia do "patriotismo/patrioteirismo" reduzido aos vistos do passaporte e a algumas imagens, inclusive a dos mortos. O texto reduz o lugar-pátria a um conjunto de imagens e símbolos modernos que não se definem nem tampouco que se efetivam enquanto determinantes de um lugar, de um sentido. Lucas parece saber que um dos maiores problemas colocados pela modernidade é a contradição sempre presente entre individualismo e antiindividualismo. As sociedades modernas apostaram no indivíduo e na autonomia como fonte de mudança, entretanto toda a crítica da cultura moderna não tem feito outra coisa senão mostrar o quanto estas sociedades que apontam na base a autonomia econômica como desdobramento da autonomia do indivíduo fazem crescer o antiindividualismo grotesco. O próprio conceito de nação, tão caro ao século XVIII, pressupunha a autodeterminação dos povos e dos indivíduos. O que temos visto é o desaguar da autonomia em acirrado nacionalismo; lutas sangrentas que têm reduzido o indivíduo a um conjunto de códigos que o inserem num determinado território imaginário, a nação.

Esta noção tão efetivamente moderna de nação/pátria tensionada a fundo quando um indivíduo, que já em-si é entrevisto muitas vezes como um conjunto de hábitos, tem se efetivado também como um outro conjunto de códigos e hábitos. Se, como pensava Benedict Anderson, a nação é uma "comunidade de interesses e de língua", é também uma comunidade de estranhos dominados por hábitos difundidos até a exasperação, quer dizer, o que determina e parece consubstanciar o conceito de "nação" é um conjunto de hábitos.

e sgs.

22 O conceito de busca é fundamental na obra de Cortázar pois determina maneiras subjetivas de relacionamento com o mundo moderno.

Lucas sabe disso e ironiza profundamente tais conjuntos de hábitos. Se Oliveira não sabia ainda o repertório ao qual estava diretamente ligado e não conseguia, textualmente, formar um repertório,²³ Lucas já o sabe e seu texto é o texto do repertório, da listagem, da pulsação de hábitos que concretizam conceitos que se dissimulam. Oliveira, entretanto, já sabia muito da dissimulação dos conceitos por debaixo de noções muito segmentadas do repertório moderno. O hábito, tanto como nação quanto como indivíduo são rupturas modernas típicas de um mundo que pensou *a priori* não continuar qualquer outro mundo anterior. O romantismo, ainda que nem sempre sem reconhecer os problemas por debaixo destas noções, na prática, pensou desta mesma forma criando a noção textual de indivíduo. Baudelaire, de uma forma emblemática, foi seu próprio indivíduo: expandiu os limites do texto tentando quebrar outros limites. Borges com outros dados e mais adiante, mas na mesma linha, trabalha a figura moderna de autor²⁴, criando um autor textual que quebra os limites do próprio texto em si. Estamos, nestes caminhos que se bifurcam, diante de um Borges, e toda a mística que envolve o autor e a construção de sua biografia imaginária.

Cortázar, ao discutir textualmente todas essas noções, impulsiona e delimita a crítica a um eu²⁵ que se entende como fonte e possibilidade de narrativa. A noção de autor só poderia surgir com toda força efetivamente na modernidade pois em sua base encontramos a noção de um eu absoluto e autônomo, privado e interior. Para os modernos, o autor é aquele que afirma a independência de sua individualidade frente aos códigos estruturais que delimitam a construção de um texto. O autor, portanto, era definido pela noção de coletividade, ou seja, o autor era uma ausência. Ao contrário, na modernidade, na noção de gênio, tão cara ao romantismo, por exemplo, encontramos efetivada a organização de um eu supra-diferenciado da coletividade. Nietzsche já alertava que esta noção teria sido "o maior mito do século XIX". A mobilidade e variação da noção de indivíduo textual demarcado não se perde, entretanto, num fenômeno que, se descobriremos depois, tomaria relativa a idéia de autor: a noção de intertextualidade, as inter-relações entre obras e tipos de produção de sentido. O autor é aquele que se afirma perante toda a tradição e o texto, neste sentido, seria a cristalização não de uma individualidade suprema, mas o resultado de uma capacidade de manipulação de códigos e de intensidades de subjetividade.

Cortázar não só tensiona os mecanismos intertextuais, como alinhava a modernidade no que tem de cruel, descontinuidade e de adaptação sofisticada do sujeito e do texto a uma rede micropolítica de processos de construção de subjetividade.

23 A estrutura da *Rayuela* (o jogo da amarelinha), uma espécie de caleidoscópio "mandala", como se chamaria originalmente não constitui o que estamos chamando de livro-de-repertório. Cortázar parece caminhar desde *Histórias de Cronópios e Famas* para textos de repertório, ou seja, aqueles textos que listam elementos e os discutem.

24 "O autor é sobretudo uma configuração moderna. Só na modernidade com a concretização da noção de um eu e da autonomia do indivíduo sobre todas as outras formas, pode-se afirmar a noção de autor." FOUCAULT, Michel. What's an author. In: *The Foucault Reader*. New York: Pentheon Books, 1984, pp. 101 e sgs.

25 Nunca devemos esquecer que a fonte e origem deste eu que se espalha pelo texto é sobretudo a autonomia do indivíduo proposta pelos modernos.